O mundo interno do analista em uma clínica dos limites-extremos

Nayanne da Ponte Meneses,[1] Brasília
Jordana Beatriz De Marco Carneiro,[2] Brasília
Deise Matos do Amparo,[3] Brasília

Resumo: O presente artigo discute as catástrofes de simbolização e seus efeitos sobre o analista na clínica psicanalítica contemporânea, especialmente nos casos marcados pelo retorno do clivado, pela fragilidade dos objetos internos e pelas patologias do ato. Propõe compreender a reverie do analista como uma função continente construída *sob medida* para as necessidades emocionais do analisando. Argumenta-se que a continência antecede o pensar, uma vez que a capacidade de pensamento depende de uma experiência relacional prévia capaz de acolher, transformar e simbolizar estados emocionais ainda não representados. Discute-se, ainda, o papel da contratransferência, da companhia viva e da sobrevivência do objeto na promoção da simbolização, da reflexividade e da internalização da função alfa. Conclui-se que a reverie do analista favorece a constituição de um espaço psíquico capaz de transformar experiências traumáticas em representações simbolizáveis, possibilitando a retomada do desenvolvimento emocional e a emergência da gratidão em relação ao novo objeto internalizado.
Palavras-chave: simbolização, reverie, contratransferência

Pode o analista pensar onde o paciente ainda não pôde estar?

O analista frequentemente digere os conteúdos mais bizarros de seus analisandos e, por vezes, questiona-se em supervisão e na análise pessoal como o *Isso* do analisando reverbera nele; empresta seu

1 Psicóloga, mestra e doutoranda em Psicologia pela Universidade de Brasília (UnB).
2 Psicóloga, mestra e doutoranda em Psicologia pela Universidade de Brasília (UnB).
3 Professora e doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília (UnB).

psiquismo e corpo para sentir o que nunca pôde ser sentido na presença de um outro; de forma muito calculada deve saber (se é que isso é possível) o quanto pode se aproximar, considerando o espaço entre dois que seja bom o suficiente para que fiquem juntos, mas sem que seus mundos internos colidam e sejam destruídos pelas sensações de invasões desmesuradas (Green, 1990/2017); por vezes precisa interpretar um acting out/in, advindo de um transbordamento pulsional que exige uma contenção num espaço psíquico ainda sem limites (Green, 1990/2017).

Nosso intuito aqui, portanto, é buscar realizar uma reverie acerca do mundo mental do analista sob a influência dos atendimentos psicanalíticos na clínica dos limites-extremos. Este trabalho parte da experiência clínica das autoras que em diversos contextos, no consultório particular ou acadêmico, se depararam com a urgência de pensar em seus próprios recursos internos, incluindo os cenários de supervisão e trocas em análise pessoal. Além, é claro, da entrega aos estudos e debates teóricos que fazem parte do tripé de uma formação. Nesse sentido, percebemos ao longo desse percurso, que, para o acolhimento das urgências e impasses que emergem dessa clínica, a utilização da perspectiva transmatricial psicanalítica é a que proporciona a reflexividade necessária acerca do tema (Figueiredo & Coelho Junior, 2018).

Esse movimento de busca de saídas possíveis é fruto de uma preocupação com o mundo interno, não só dos analisandos, mas também dos analistas, que nas inúmeras horas em supervisão demonstram uma "pré-ocupação" do psiquismo como reação à gravidade das sintomáticas nos extremos a eles direcionados (Amparo et al., 2025). A partir destas reflexões experimentadas contratransferencialmente nos limites entre os psiquismos e os corpos da dupla analítica, perguntas se formaram: Como se dá a captura do psiquismo do analista pelos aspectos não metabolizados do psiquismo do analisando, em uma clínica dos limites-extremos? E como a delimitação e continência dos aspectos não metabolizados do psiquismo pode ocorrer, para que por fim, sejam devolvidos ao analisando?

A fim de compreender teórico-tecnicamente o que acontece no psiquismo da dupla, em uma clínica com tantas especificidades, esse artigo foi proposto buscando respostas. Mas, antes de tudo, precisa-se caracterizar o que é a clínica dos limites-extremos da qual estamos falando.

A clínica dos limites-extremos

Trata-se de uma clínica em que o analisando se apresenta na fronteira, no que se refere a seus aspectos identitários, sociais e corporais, sendo por vezes no limite da dignidade humana em termos auto e/ou heteroagressivos (Estellon & Marty, 2012). Aproxima-se do que foi conceituado por André Green quanto aos casos limites, uma organização psíquica original, em que a falha ocorre na capacidade de diferenciação do dentro-fora e do Eu-outro (Green, 1990/2017). Também se aproxima das situações limites e extremas que carecem de simbolização, contextualizadas a partir das problemáticas narcísico-identitárias de Roussillon (2023). Propomos, a partir disto, a nomenclatura clínica dos limites--extremos para esses casos.

Na clínica dos limites-extremos, o transbordamento dos afetos inunda quem ao redor estiver. As cenas primárias são incansavelmente (re)atualizadas, constantemente projetadas num espaço analítico, que com muito custo se preserva como um espaço potencial, para quem sabe, a transicionalidade acontecer, isso, é claro, se tudo correr bem (Winnicott, 1960/2022).

Afinal de contas, um trabalho que se utiliza da transferência como regra para que ocorra a análise, tem como destino o aparelho psíquico do analista, que sofre inúmeros ataques, demandando uma atenção para que se mantenha preservado (Bion, 1959/1994a). Isso pode acontecer por ataques direcionados ao próprio *setting*, à pessoa do analista e/ou à técnica psicanalítica, requerendo um manejo específico da angústia, que oscila entre a persecutória e depressiva suscitada na dupla (Klein, 1946/2023c). O que vem a demandar do analista a capacidade de metabolizar os conteúdos do analisando, tal como uma aranha metaboliza seu alimento, fora de seu corpo, capturando-os para oferecer alguma contenção que proporcione um contorno para serem digeridos, posteriormente (Marty, 2010). São casos em que o ambiente, como Winnicott (1971/2019a) cuidadosamente nos fez enxergar, apresenta sérias falhas da ordem da ausência e/ou presença excessivas.

Acolher na clínica dos limites-extremos é como tentar atender as necessidades de um bebê que não cansa de chorar, sem com ele se desesperar ou deprimir. A capacidade de pensar do analista, por vezes, não prevalece diante de tamanha intensidade experimentada no corpo, e das sensações revividas no espaço intersubjetivo. Isso porque se reencenam a partir das relações primárias, que não favoreceram um *holding* com a mínima contenção (Bion, 1967/1994b; Winnicott, 1960/2022).

Essa dinâmica é resultado dos curtos-circuitos no aparelho de pensar do analisando, que atrofiado, não transforma os elementos beta em elementos alfa. A ausência de um outro, comumente a mãe (mas não só ela), que deveria ter andado de mãos dadas com sua criança, a fim de enfrentar as turbulências de seu mundo interno ainda caótico e inominável, impediu a internalização dessa função transformadora, que possibilitaria a simbolização de seus conteúdos internos (Bion, 1967/1994b).

Winnicott (1971/2019a) acrescenta que o espaço intermediário entre a dupla mãe-bebê é parte essencial da estruturação psíquica. E pontua a importância dos estados de vazio e marasmo aspirados pelos analisandos nesse processo, como o lado *negativo* estruturante do psiquismo (Green, 1990/2017).

A este respeito, Green (1990/2017) resgata as ideias iniciais de Freud acerca das experiências graduais de satisfação. O objeto que de antemão oferta o cuidado pelo apoio entre prazer e necessidade, passa a ser alucinado em sua ausência. O negativo aqui se faz essencial para que pensamento e representação sejam articulados e simbolizados, criando-se uma ligação representacional pela desarticulação entre presença-ausência, na intersecção entre o duplo limite. Esta é prova da realidade da percepção, da presença do objeto externo, que só pode ser alucinado negativamente depois de sua aparição-ausência.

Nota-se, então, que nestes casos o duplo limite não se estrutura suficientemente bem, uma vez que a ausência ou intrusão do objeto em seus excessos impede isso. Green (1990/2017) traça elementos fundamentais para compreendermos essa impossibilidade representacional. São eles: o limite, a representação, a ligação e a abstração.

O limite consiste no que já consideramos em relação ao dentro e fora desde as concepções freudianas de projeção, às winnicottianas dos espaços do interior e exterior. A representação consiste no movimento do pensamento em representar a coisa e a palavra para que a abstração ocorra, isso inclui o não representável em suas figurações do vazio, do branco. A ligação com sua contraposição de desligamento, não diz só respeito à união para a representação, mas à reunião do já representável. Isso articula o movimento pulsional dual entre ligação e desligamento para que a simbolização aconteça. O pensamento bruto necessita ser desarticulado e ligado à pulsionalidade do inconsciente para que uma nova representação se estabeleça. Assim, a abstração não se mostra somente vinculada aos processos primários e secundários do pensamento, mas também à descontinuidade do trabalho do negativo presente na continuidade desse processo (Green, 1990/2017).

Desta forma, o processo de pensar requer um trabalho de descompasso rítmico entre o trabalho intrapsíquico representacional, da pulsionalidade, e os limites intersubjetivos articuladores, do interno e externo. Isso exige do analista um esforço de pensamento que ultrapassa seus recursos, como a "pré-ocupação" que falávamos anteriormente, em resposta à carência do desenvolvimento emocional do analisando (Green, 1990/2017).

A confusão que por vezes se instaura entre analista e analisando é instigada pela fantasia dos casos limites-extremos, em que o objeto primário, se permitida a aproximação, irá atacar com sua destrutividade monstruosa, ou deixar o sujeito desamparado, abandonando-o diante de seus conteúdos terrificantes. Desse modo, instala-se na transferência a repetição desse temor arcaico, em que uma confusão dos limites ocorre, entre fantasia e realidade, fazendo do analista um objeto extremamente ameaçador (Green, 1990/2017).

O jogo aqui não é da psicanálise clássica, pois não se trata do modelo do sonho como Freud propôs, em que o enquadre consistia no favorecimento de um pensamento não pensado. Mas, antes de tudo, em modificar o enquadre para que seja possível a instauração dos limites. Pois, o que se confunde na reencenação são as origens das intrusões,

como o bebê que não difere se o que sente é um trovão ou uma cólica (Winnicott, 1960/2022).

A falha nos limites intersubjetivos e o ataque em extremo ao analista

Winnicott (1967/2019b) nos fala sobre o espelhamento do rosto da mãe que reflete para o bebê seu próprio estado emocional. O ponto é que a percepção de si como Eu, só é possível pela percepção paradoxal do "não-eu". Essa é a capacidade reflexiva abordada por Roussillon (2023) que consiste em poder se ver, se ouvir e se sentir. É apenas a partir desses espelhamentos primários, que são devolvidos ao bebê, que ele mesmo percebe apercebendo. Quando ocorre falha neste momento do desenvolvimento emocional, ocorre em conjunto, um congelamento do Eu para a sobrevivência de si (Winnicott, 1960/2022).

Green, em "A mãe morta" (1980/1988), descreve o frio sentido por analisandos que sofreram a ausência do objeto primário. Isso pode ocorrer em razão da inconsistência do objeto, de alterações prolongadas em seu estado mental ou afetivo, ou ainda de ausências excessivamente longas. Há uma ausência na presença pela morte psíquica do objeto primário, que em sofrimento só pôde devolver ao bebê seu próprio estado de humor, que imerso em um luto, lhe devolveu depressão e os estados de morte de seu próprio psiquismo.

Sem o calor do afeto, esses analisandos estão congelados. Instaura-se um vazio, no que deveria ser representado, um apagamento por meio da alucinação negativa (Green, 1993/2010). Essa é a cena que se repete no enquadre analítico? Uma transferência que alucina uma mãe sem recursos, negativizando a presença viva do analista? Que tenta cuidar de um bebê inacessível e, igualmente, sem recursos internos? Parece que essa repetição impacta o psiquismo do analista, à medida que, transferencialmente, o analisando nos faz sentir a dor materna dos mundos desertificados e sem comunicação.

Bion (1959/1994a) sobre a identificação projetiva, aponta para a possibilidade de comunicação entre inconscientes, pela intensidade do

afeto em sua matéria bruta. São conteúdos bizarros, relacionados aos temores da morte, exigindo uma escolha: elaborar ou evacuar. A identificação projetiva cumpre a tentativa de evacuação como comunicação arcaica para que uma elaboração em conjunto, com um objeto que tenha a capacidade de contenção e digestão, possa ocorrer. Na ausência deste objeto, o sujeito passa a buscar incessantemente um objeto que o acolha e o auxilie nessa tarefa desesperadora. O que ocorre no setting, é que diante das identificações projetivas, o analista precisa se utilizar da contratransferência como ferramenta que dê suporte à contenção para a interpretação do mundo interno em desespero.

As ligações intersubjetivas, quando acontecem, são intensas e se misturam, pela invasão das imagos no psiquismo. Por isso o comprometimento do funcionamento psíquico, daquele eleito à invasão, o analista. São os ataques ao elo de ligação (Bion, 1967/1994b) que se reatualizam, gerando interferência na comunicação entre os psiquismos. O analista passa, obsessivamente, à tentativa de não parar de pensar, para que a mortificação de seu mundo interno não se estabeleça de forma definitiva. São os momentos em que o analista poderia se sentir *quebrado*, *morto* e *desesperançoso*. O que por vezes, o faz duvidar da possibilidade de mudança. São sujeitos que nos fazem sentir o que sentem: o terror de um mundo interno em colapso. Trata-se, portanto, de uma identificação projetiva maciça, exitosa, que cumpre com o seu destino destrutivo (Bion, 1967/1994b).

Green (1980/1988) pontua que são casos que sofreram de uma decepção dupla, com a mãe e o pai, internos e externos. Não à toa, por trás de tanta excitabilidade e acesso pulsional, há um fundo melancólico que impede o estabelecimento de relações secundárias substitutas. Isso porque o investimento libidinal se encontra ainda nos objetos perdidos, ou ainda nunca encontrados. É uma clínica do luto impossível e da presença da morte constante.

Essa melancolia é sentida na contratransferência pelo analista, que tenta se defender da depressividade do analisando. Logo, diante da depressão suscitada, lançamos mão de defesas maníacas, como uma via

antidepressiva. Assim como, diante do caos sem limite, lançamos mão de defesas rígidas, indo no extremo da obsessividade na busca pelo contorno.

Nesse jogo proposto pelo analisando, sem limites e regras, o analista assume um lugar paradoxal. A ele resta um não lugar, da inacessibilidade, em que um buraco se estabelece. Este (não) lugar, ao mesmo tempo, se encontra cheio de elementos bizarros, fazendo o analista atuar uma figura primária indisponível, mas presente enquanto imago (Green, 1990/2017).

A imago da mãe má toma conta e impede o analisando de assumir suas próprias pulsionalidades destrutivas em análise. A destrutividade além de ser excindida, não pode ser (re)introjetada, já que a aproximação com esta imago é sentida como uma invasão interior, aniquilando definitivamente o Eu. Isto é, o drama vivido na transferência, o analisando manter-se distante do analista, parte da defesa contra a aproximação do objeto mau interno (Green, 1990/2017).

Para isso, o sujeito renuncia a suas satisfações objetais se enclausurando em suas satisfações narcísicas ilusórias. Resta-lhe somente a ideia de um isolamento pela tentativa de um reasseguramento desesperado de sua autonomia. Uma falsa independência é alcançada pelo superinvestimento intelectual extremo. A busca pela sublimação ocorre como um recurso à neutralização da vida pulsional, na tentativa de encontrar algum sentido (Green, 1990/2017).

O problema é que o sujeito aqui se engana com a ideia de que esta pulsionalidade intensa só vem do outro, fazendo-o cair na armadilha do retraimento que o lança diretamente na solidão, na depressividade e, finalmente, na incapacidade de pensar. Essa defesa, em tese, garantiria a preservação de sua identidade interna e a diferença com o objeto (Green, 1990/2017).

O pensamento que tentamos construir passa então por esse não lugar dado ao analista, uma vez que a tentativa é de anular a alteridade pelo temor à intrusão. Há uma fusão que ao mesmo tempo se mostra só na aparência. A fantasia do analisando é de que todo o pensamento tem de ser dele e não vindo do analista, recusando tudo, inclusive as interpretações. Os pensamentos não pensados passam, primeiramente,

por uma espécie de teste dos limites. A continência, assim como a interpretação, não é aceita como vinda da alteridade, pois se assim for, a retaliação e o abandono viriam na sequência (Green, 1990/2017).

Entende-se que para se fazer vínculo é preciso respeitar o fenômeno transicional, que inicia na fantasia de que o pensamento não pode ser pensado por um outro. A capacidade de pensar, se daria num espaço potencial em que a pulsionalidade deve ser afastada, preservando a relação afetiva do surgimento de um pensamento, para a representação do mesmo. Isso exige do analista não somente o esforço de pensar, mas a aceitação de sua capacidade negativa. Assim, há uma ilusão de objeto *criado-encontrado*, de que o analisando criou sua própria continência, tendo o controle da cena inicial. A aproximação com a figura do analista em sua alteridade, começa a ser uma possibilidade (Green, 1990/2017; Winnicott, 1971/2019a).

O processo de simbolização, como objetivo da análise, estaria próximo da brincadeira suscitada pelo analista num espaço que favorecesse a articulação entre dentro e o fora, entre o Eu e o outro, onde segundo Green (1990/2017, p. 273), "uma nova reunião preside à separação". Dessa forma, ao sustentar a ilusão de continência do analisando contribuímos para sua própria superação do temor à intrusão.

Portanto, para que ocorra uma metabolização simbolizatória, a dupla precisa retornar ao momento em que ocorreu o congelamento no desenvolvimento emocional do analisando, ainda que na transferência pelas (re)atualizações. A partir disto, deve-se separar os conteúdos psíquicos, atribuir aos objetos suas pulsionalidades, e só depois representá-los. Desta forma, auxilia-se no processo do pensamento, integrando as partes. Trata-se de atravessar de mãos dadas os processos oscilantes dos estados esquizoparanoides e depressivos, para que o trabalho do luto, ainda não vivido destes objetos, sentidos enquanto bombardeados, possa se tornar uma possibilidade (Green, 1993/2010; Klein, 1940/2023b; 1946/2023c).

A angústia de separação, não menos importante que a de intrusão, desperta uma questão vital no analisando e, contratransferencialmente, no analista. O silêncio aqui é da ordem do traumático, uma vez que se

refere às experiências de morte do analisando. O analista precisa acusar sua vivacidade constantemente, demonstrando que os ataques a ele dirigidos não foram suficientes para mortificá-lo. Diferente do silêncio de uma análise clássica, em que a pausa é estruturante, pela separação necessária à constituição do pensamento, nestes casos a aquisição do pensamento é sentida como o início de uma morte. Marcando a separação como uma distância impossível (Green, 1990/2017).

O analista se encontra diante da ameaça de uma catástrofe, em que se mostrar vivo demais significaria o perigo da invasão dos transbordamentos pulsionais destrutivos, e em que se mostrar separado demais significaria sua própria morte causada pelos pensamentos fantasmáticos do analisando. É necessário como saída encontrar o espaço intermediário *entre* a vida e a morte que faça surgir o pensamento e a possibilidade de sua representação, para que posteriormente seja simbolizado.

Catástrofe de simbolização: da desorganização à reorganização psíquica

Roussillon (2019) em sua teoria acerca do pensamento e simbolização, elabora sobre as falhas nesse processo. Elas podem ser de ordem primária ou secundária, associadas à representação afeto-coisa e palavra, respectivamente. As patologias do ato são resultado de falhas de ordem primária, tendo uma descarga pela via motora, dos elementos não simbolizados. São conteúdos clivados, que não chegam ao inconsciente para se tornarem conscientes. Advindos do campo do traumático, esses conteúdos, que ainda carecem de transformações representacionais, denunciam uma catástrofe antes acontecida (Cardoso et al., 2025).

O corpo em cena é "palco" para a ocorrência destas representações primárias mimo-gesto-posturais. Cabe, portanto, ao analista, uma escuta polifônica, para a compreensão do tipo de falha que ocorreu no processo de simbolização. Essa necessidade de transformação representacional demanda a proposição de um dispositivo clínico adequado, feito *sob medida*, para a simbolização dos conteúdos ainda não integrados no psiquismo do sujeito (Roussillon, 2019).

A compulsão à integração desses conteúdos se apresenta no *setting* como partes fragmentadas. Sinalizam os rastros da repetição, caracterizando o retorno do clivado, e logo a tentativa de simbolização. Essa é a busca por um objeto *criado-encontrado*, que auxiliaria na tarefa faltante do objeto primário, da qual falávamos anteriormente (Roussillon, 2023; Winnicott, 1967/2019b).

Desta forma, no *setting*, as catástrofes de simbolização se manifestam através de um transbordamento nas cenas contratransferenciais, convocando uma paraexcitação por parte do analista. Espera-se, frente a isso, que este possa barrar os excessos que vêm da experiência e do campo pulsional (Cardoso et al., 2025).

Mas, para tanto, o analista precisaria lidar com sua própria capacidade de ligação, o que promoveria o trabalho representacional e escoamento do transbordamento emocional do analisando. Este rastro não simbolizado, em decorrência da catástrofe sofrida, por vezes provoca uma angústia no analista que assiste a repetidas cenas indigestas, violentas, que com frequência mobilizam o corpo do analisando, como nos casos de escarificação, tentativa de suicídio e vulnerabilidade sexual. As patologias do ato, portanto, utilizam-se do sintoma corporal como tentativa de comunicação de um sofrimento sem contorno, endereçando a dor psíquica para um plano observável, sob a égide da dificuldade de diferenciação do dentro e fora, Eu e outro (Cardoso et al., 2025).

Essas compulsões à repetição do traumático só conseguem ser elaboradas mediante a metáfora do aparelho digestivo da aranha anteriormente descrita, demandando explicitamente o trabalho analítico enquanto substituto da função materna primária para tal (Marty, 2010). A ideia de uma (re)presentação é compreendida, aqui, tanto no que diz respeito ao que será devolvido para o sujeito pela primeira vez, como algo a ser percebido e sentido, pela via contratransferencial, naquele aqui-agora e, pode finalmente ser pensado enquanto hipótese pela dupla, em um *só depois* passível de simbolização reflexiva. Mas até lá… São conteúdos que retornam não do recalque, como se espera em uma neurose clássica, mas da clivagem, precocemente recorrida pelo solipsismo de um psiquismo sem recurso, sem a presença de um outro

auxiliar, trazendo um aspecto anaclítico para a percepção dos objetos (Green, 1990/2017; Roussillon, 2019, 2023).

O retorno do clivado pode aparecer na sessão de análise nos momentos em que a narratividade de eventos extremamente dolorosos do analisando se apresenta completamente desafetada, com processos de idealização ou desidealização extrema, convocando, também, no analista sensações corporais de enjoo, nojo, sono, desligamento ou completo vazio. Aqui, vale recordar que a hipocrisia do analista pode atrapalhar o caminho associativo e o afeto tem um espaço importante no contato com o analisando (Ferenczi, 1933/1992), sendo uma ferramenta importante a percepção e construção reflexiva quando essas sensações emocionais advierem no *setting*. Um "absurdo" não nomeável, por vezes indigesto, do qual também precisa de um aparato de supervisão para que possa ser metabolizado (Amparo et al., 2025).

O mundo interno do analista seria, aqui, convocado, o que exige um trabalho de reflexividade anterior ao que poderia ser oferecido ao seu analisando (Roussillon, 2023). A ideia consiste em, primeiramente, ser visto, escutado e sentido pelo outro, para que em um momento secundário, possa-se fazer o mesmo com o analisando. É preciso que um trabalho de análise pessoal e de supervisão ocorra primeiramente em relação aos objetos fantasmáticos do próprio analista, para que uma separação anterior de seu mundo interno e de seu analisando ocorra. Retomamos o texto "Luto e melancolia" de Freud (1917/2020), em que a decepção sofrida em relação ao objeto primário faltante, por nunca ter sido encontrado, precisa ter sua sombra separada do Eu.

Quando falamos da colisão dos mundos internos entre analista e analisando, nos referimos a esses terrores suscitados pelo retorno da clivagem, que denunciam uma desintegração das partes mortificadas. Porém, diante deste novo encontro, mediante catástrofe, algo pode ser então (re)organizado.

A experiência no setting será compreendida como uma desorganização que antecede uma nova reorganização (Cardoso et al., 2025). Assim, quem sabe, pela (re)atualização das cenas primárias, um novo

desfecho pode ocorrer, descongelando e libertando o sujeito para o calor afetivo de novas cenas relacionais.

A reverie do analista: uma construção *sob medida* da continência que antecede o pensar

A questão é que para que tudo isso possa acontecer, o analista precisa do tempo da separação para que seus pensamentos possam surgir como uma reverie analítica. Isso sem desconsiderar a questão vital do analisando, que neste momento do desenvolvimento emocional se defronta com a desilusão de suas defesas sublimatórias que lhe davam a impressão de uma constituição suficientemente boa de um *duplo limite*.

Em análise, o analisando é levado a reconhecer que aquilo que se apresentava como atividade de pensamento constituía, na realidade, uma trama defensiva destinada a neutralizar a alteridade do objeto. O encontro com essa dimensão da realidade psíquica possui algo da ordem de uma morte subjetiva, na medida em que desorganiza identificações e certezas narcísicas previamente estabelecidas. Sem o trabalho de simbolização, as representações permanecem desligadas da experiência afetiva que lhes confere espessura psíquica, convertendo-se em formas esvaziadas que, longe de promoverem a subjetivação, aproximam o sujeito da experiência do vazio (Green, 1990/2017).

Ao considerar um novo momento de análise desses analisandos, agora na posição depressiva, a culpa e o medo de danificar o objeto (o analista) entram em vigor. O que na relação analítica, pode ser percebido quando o analisando recorre a defesas maníacas, diante da emergência de sentimentos de perda, dependência, ambivalência e culpa relacionados ao objeto transferencial. Nesses casos, em vez de elaborar tais experiências, busca negá-las por meio do triunfo, do controle e do desprezo dirigidos ao analista. Na busca de afastar-se da vivência de dependência, numa ilusão de onipotência e de desprezo ao analista, reduz a sua importância emocional. De modo semelhante, a idealização do analista pode funcionar como uma defesa contra o reconhecimento da própria agressividade e do dano fantasiado infligido ao objeto. Também

pode ocorrer o recurso à reparação onipotente, na fantasia de restaurar magicamente o objeto interno, evitando o contato com a dor psíquica inerente à perda e à culpa (Klein, 1957/2023a).

É precisamente quando as defesas maníacas já não conseguem proteger o sujeito da dor associada à perda, à dependência e à ambivalência que a função continente do analista se torna decisiva. Diante da incapacidade do analisando de metabolizar sozinho tais experiências emocionais, a relação analítica passa a oferecer um espaço potencial para sua transformação. Aquilo que ainda não pode ser pensado, representado ou simbolizado pelo sujeito demanda um trabalho psíquico suplementar, sustentado inicialmente pela mente do analista, até que possa vir a ser progressivamente apropriado pelo analisando (Bion, 1967/1994b).

O analista recorre à contratransferência como um instrumento privilegiado de apreensão e elaboração dos conteúdos comunicados pelo analisando. Nesses casos, o que se apresenta na situação analítica não o faz sob a forma de representações já constituídas, mas por meio de modalidades transferenciais que convocam o psiquismo do analista a participar do processo de transformação psíquica. A identificação projetiva constitui, assim, uma via de comunicação de estados emocionais primitivos e de aspectos não representados da experiência subjetiva, os quais encontram, no espaço analítico, a possibilidade de serem depositados no analista. Ao acolher e metabolizar tais conteúdos por intermédio de sua função de reverie, o analista torna-se capaz de conferir figurabilidade e sentido ao que até então permanecia inacessível à representação, favorecendo a retomada dos processos de simbolização e a construção de uma experiência psíquica compartilhada (Bion, 1967/1994b; Roussillon, 2019).

A continência, portanto, antecede a capacidade de pensar porque o sujeito somente pode pensar aquilo que anteriormente encontrou um continente capaz de receber, sustentar e transformar as experiências emocionais (Bion, 1967/1994b). O pensamento não surge como uma função autônoma, mas como resultado de uma experiência relacional prévia de contenção. Esta funciona enquanto favorecimento da capacidade de pensar que perpassa a entrada em um jogo, um gesto espontâneo que

rompe o caos que se estabelece (Winnicott, 1971/2019a). Tal processo torna-se possível na medida em que o analista sustenta uma função de (re) vitalização diante das partes mortificadas do psiquismo do analisando, que retornam à cena analítica sob a forma de sensações corporais ainda não metabolizadas psiquicamente. Pode-se pensar, em paralelo, na análise pessoal e na supervisão como o espaço de (re)vitalização do psiquismo do analista, para preservar a capacidade de reverie, quando danificado pelas identificações projetivas do analisando. Cabe, ao analista, construir, junto ao analisando, um novo caminho, para a saída desse mundo interno, que mais parece o vale das sombras (Cesar et al., 2023).

Os novos caminhos do pensamento, enquanto trabalho analítico a ser proporcionado pela mente do analista, que se articulam e desarticulam, podem ser percorridos enquanto trilho do conteúdo simbólico, refletindo acerca do significado da experiência vivida no *setting,* ou acrescentando a articulação do conteúdo simbólico com a reflexão acerca do nível do desenvolvimento emocional em que o analisando se encontra (Alvarez, 2012/2021).

Deve-se, portanto, ter um cuidado com o desenvolvimento emocional do analisando para com o tempo subjetivo e para que o jogo aconteça, e o analisando possa pensar seus próprios pensamentos. Consequentemente, cabe ao analista refletir acerca do tempo específico sentido na dupla acerca da capacidade emocional para o manejo e interpretações no setting.

O conteúdo simbólico oferecido pelo analisando, na tentativa de representar sua experiência, precede o nível explicativo e descritivo da interpretação do analista. Já que o objeto interno é tão remoto e fraco que praticamente não existe em seu psiquismo, comprometendo a capacidade do pensamento. É uma questão de déficit enquanto self e internalização de um objeto interno, ambos sendo vividos enquanto mortos, vazios e imprestáveis, que ressoa por meio da sensação de desespero no setting. Portanto, deve-se ter uma ação de reclamação ou reivindicação, convidando o sujeito para um contato real mediante contratransferência, visto que se encontra em um deserto (Alvarez, 2012/2021).

Isso diz respeito à função vitalizadora do analista, associada à necessidade do jogo e da brincadeira espontânea (Winnicott, 1971/2019a), proporcionando um encontro analítico, em que o vir à tona da vitalidade do analisando esteja presente em análise assim como o acolhimento a suas parcelas mortificadas do psiquismo. Nesta proposta analítica, há um empréstimo da mente-corpo do analista enquanto depósito de dejetos, como uma aposta de esperança. Nesse meandro, o analista, repleto de ambivalência, deixa-se afetar por meio da afetação do analisando, alcançando-o ou sendo alcançado por ele. Em última instância, tendo que resgatá-lo de um poço que sempre pode ficar mais fundo (Alvarez, 2012/2021; Cesar et al., 2023).

Portanto, a reverie do analista, acompanha a capacidade do desenvolvimento emocional do sujeito, alcançando a simbolização e a reflexividade (Roussillon, 2019). Considerando um novo momento no desenvolvimento emocional do analisando, há disponibilidade em aceitar os conteúdos propostos do analista, chegando em última instância na representação da palavra através da interpretação que possa alcançá-lo (Winnicott, 1971/2019a). Isso porque os elos de ligação do pensamento agora podem ser preservados (Bion, 1959/1994a).

Antes impossibilitada de (re)introjeção, a destrutividade só pôde ser contida mediante sobrevivência do objeto, em não retaliar e não abandonar (Winnicott, 1971/2019a). São os novos desfechos calorosos que não só (re)integrariam os conteúdos clivados, mas possibilitariam agora sua (re)introjeção.

Não se trata mais da continência exercida exclusivamente pelo analista, mas da progressiva internalização da função continente. Aquilo que anteriormente precisava ser sustentado pelo aparelho psíquico do analista torna-se gradualmente apropriável pelo sujeito, favorecendo a constituição de um espaço interno capaz de acolher, transformar e simbolizar suas próprias experiências emocionais. Tal movimento implica o reconhecimento de que algo fundamental foi recebido do objeto e pôde ser preservado internamente. Nessa perspectiva, aproxima-se da gratidão, entendida como a capacidade de reconhecer o valor do objeto que ofereceu sustento psíquico e sobreviveu aos ataques destrutivos

dirigidos a ele, usufruindo do que recebeu sem a necessidade de destruir, controlar ou negar sua dependência do objeto, testemunhando a consolidação de um vínculo interno suficientemente bom. Desse modo, a internalização da continência não representa apenas a aquisição de uma função psíquica, mas também a possibilidade de reconhecer e preservar internamente o objeto que a tornou possível (Klein, 1957/2023a).

El mundo interno del analista en una clínica de los límites extremos

Resumen: El presente artículo analiza las catástrofes de simbolización y sus efectos sobre el analista en la clínica psicoanalítica contemporánea, especialmente en los casos marcados por el retorno de lo escindido, la fragilidad de los objetos internos y las patologías del acto. Se propone comprender la reverie del analista como una función continente construida a medida para las necesidades emocionales del analizante. Se sostiene que la continencia precede al pensamiento, dado que la capacidad de pensar depende de una experiencia relacional previa capaz de acoger, transformar y simbolizar estados emocionales aún no representados. Asimismo, se examina el papel de la contratransferencia, de la compañía viva y de la supervivencia del objeto en la promoción de la simbolización, la reflexividad y la internalización de la función alfa. Se concluye que la reverie del analista favorece la constitución de un espacio psíquico capaz de transformar experiencias traumáticas en representaciones simbolizables, posibilitando la reanudación del desarrollo emocional y la emergencia de la gratitud en relación con el nuevo objeto internalizado.

Palabras clave: simbolización, reverie, contratransferencia

The analyst's internal world in a clinic of extreme limits

Abstract: This article discusses catastrophes of symbolization and their effects on the analyst in contemporary psychoanalytic practice, particularly in cases marked by the return of split-off aspects of the psyche, the fragility of internal objects, and pathologies of action. The analyst's reverie is

understood as a containing function specifically tailored to the emotional needs of the analysand. It is argued that containment precedes thinking, since the capacity for thought depends on a prior relational experience capable of receiving, transforming, and symbolizing emotional states that have not yet been represented. The article also examines the role of countertransference, the living company, and the survival of the object in promoting symbolization, reflexivity, and the internalization of the alpha function. It concludes that the analyst's reverie fosters the development of a psychic space capable of transforming traumatic experiences into symbolizable representations, enabling the resumption of emotional development and the emergence of gratitude toward the newly internalized object.

Keywords: symbolization, reverie, countertransference

Referências

Alvarez, A. (2021). *O coração pensante: três níveis de terapia psicanalítica com crianças e adolescentes*. Blucher. (Trabalho original publicado em 2012)

Amparo, D. M., Bonaldo, P. M., Cardoso, B. C. C., Gusmão, M. M. & Costa Neto, A. A. (2025). A supervisão clínica e o paradigma multifocal em contexto universitário de atendimento a adolescentes em uma clínica dos extremos. *Singular, Sociais e Humanidades, 1*(8), 18-31. https://doi.org/10.33911/singularsh.v1i8.280

Bion, W. R. (1994a). Ataques aos elos de ligação. In W. R. Bion, *Estudos psicanalíticos revisados*. Imago. (Trabalho original publicado em 1959)

Bion, W. R. (1994b). *Estudos psicanalíticos revisados* (3ª ed.). Imago. (Trabalho original publicado em 1967)

Cardoso, B. C. C., Costa Neto, A. A. & Amparo, D. M. (2025). *Simbolização: das crises e catástrofes à sublimação*. Appris.

Cesar, F. F., Ribeiro, M. F. R. & Figueiredo, L. C. (2023). *Chuva n'alma: A função vitalizadora do analista*. Blucher.

Estellon, V. & Marty, F. (2012). *Cliniques de l'extrême*. Armand Colin.

Ferenczi, S. (1992). Confusão de línguas entre os adultos e a criança. In S. Ferenczi, *Obras completas: Psicanálise IV* (pp. 111-121). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1933)

Figueiredo, L. C. & Coelho Junior, N. E. (2018). *Adoecimentos psíquicos e estratégias de cura*. Blucher.

Freud, S. (2020). Luto e melancolia. In S. Freud, *Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)* (P. C. Souza, Trad., Vol. 12, pp. 170-194). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1917)

Green, A. (1988). A mãe morta. In A. Green, *Narcisismo de vida, narcisismo de morte* (pp. 239-274). Escuta. (Trabalho original publicado em 1980)

Green, A. (2010). *O trabalho do negativo*. Artmed. (Trabalho original publicado em 1993)

Green, A. (2017). *A loucura privada: Psicanálise de casos limites*. Escuta. (Trabalho original publicado em 1990)

Klein, M. (2023a). Inveja e gratidão. In M. Klein, *Inveja e gratidão e outros ensaios (1946-1963)* (pp. 229-298). Ubu. (Trabalho original publicado em 1957)

Klein, M. (2023b). O luto e sua relação com os estados maníaco-depressivos. In M. Klein, *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945)* (pp. 425-455). Ubu. (Trabalho original publicado em 1940)

Klein, M. (2023c). Notas sobre alguns mecanismos esquizoides. In M. Klein, *Inveja e gratidão e outros ensaios (1946-1963)* (pp. 19-49). Ubu. (Trabalho original publicado em 1946)

Marty, F. (2010). Violência e passagem ao ato homicida na adolescência. In D. M. Amparo, S. F. C. Almeida, K. T. R. Brasil & F. Marty (Eds.), *Adolescência e violência: Teoria e práticas nos campos clínico, educacional e jurídico* (pp. 45-66). Líber Livro.

Roussillon, R. (2019). *Manual da prática clínica em psicologia e psicopatologia*. Blucher.

Roussillon, R. (2023). *O narcisismo e a análise do eu*. Blucher.

Winnicott, D. W. (2019a). *O brincar e a realidade*. Ubu. (Trabalho original publicado em 1971)

Winnicott, D. W. (2019b). O papel de espelho da mãe e da família no desenvolvimento infantil. In D. W. Winnicott, *O brincar e a realidade* (pp. 177-188). Ubu. (Trabalho original publicado em 1967)

Winnicott, D. W. (2022). *Processos de amadurecimento e ambiente facilitador*. Ubu. (Trabalho original publicado em 1960)

Nayanne da Ponte Meneses
nanay.meneses@gmail.com

Jordana Beatriz De Marco Carneiro
jordanadmc@gmail.com

Deise Matos do Amparo
deise.amparo.matos@gmail.com

DOI: 10.67671/alter.2026.06

© Alter, 2026. Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização prévia por escrito da editoria.